

“Façamos também a nossa guerra”: a construção do internacionalismo anarquista e a luta sindicalista revolucionária no período da Primeira Guerra Mundial em São Paulo

Kauan Willian dos Santos¹

Cidades destruídas. Campos devastados. Museus e escolas incendiados. Populações inteiras desaparecidas. Tudo isto praticado em nome do estúpido e odioso preconceito patriótico. Eis ao que a canalha burguesa e governante reduziu quase toda a Europa. Crime sobre crimes. Em toda a parte tem sido esse o papel das classes dominantes. [...] Façamos também a nossa guerra, a única humana e justa. Queimemos os nossos cartuchos, não contra os proletários de outros países, mas contra os velhacos exploradores que nos infelicitam, roubam e oprimem. Derrubemos as atuais instituições, causa dos males que acabrunham a humanidade sofredora.²

Foi assim que, em 1917, o jornal anarquista de grande influência na greve geral deste ano, *A Plebe*, denunciava os efeitos da Primeira Guerra Mundial. Mesmo não fazendo parte de um país que foi afetado pelas grandes destruições desse evento é interessante notar como os anarquistas partilhavam uma noção de internacionalismo, buscando ligações para fortalecer sua militância local bem como suas redes em outros países. É importante adiantar que nenhum dos nossos personagens ou grupos analisados participaram de qualquer processo de libertação colonial ou algo parecido. Mas, como veremos, a forte busca de um internacionalismo prático para conter o avanço dos conflitos nacionais, contidos em grupos e jornais como *Guerra Sociale* e *A Plebe*, na segunda década do século XX, tinha muita influência de algumas concepções geradas décadas antes pelo anarquismo, na construção de metas e práticas dentro de suas estratégias e cultura política, além das suas próprias demandas específicas e conjunturas, que iremos adentrar adiante. Propomos no presente artigo, portanto, analisar como o internacionalismo anarquista foi gerido entre os libertários na cidade de São Paulo no período correspondente à Primeira Guerra Mundial, e como tal postura influenciou algumas de suas estratégias e táticas na cidade entre o movimento operário. Primeiramente iremos evidenciar exemplos históricos que construíram o ideário internacionalista do anarquismo na prática, para além de suas teorias e metas. Após isso, veremos como os militantes anarquistas rebuscaram tal tradição no período dos conflitos mundiais para reformularem suas posturas.

A construção global do internacionalismo anarquista

Esse tipo de atuação, ao abordar o anarquismo, que sempre reivindicou o internacionalismo político, não é tão óbvio como parece. Para o cientista político

¹ Doutorando em História Social – Universidade de São Paulo (USP) email: kauanwillian@usp.br.

² ABRANCHES, Antônio. A Grande Guerra. *A Plebe*, 4 de agosto de 1917. p. 2.

Benedict Anderson, que considera o anarquismo, seja na militância ou mesmo na influência indireta, uma das maiores forças contra o avanço da dominação nacional, principalmente das nações europeias desde o século XIX, a história dessa participação foi amplamente ofuscada ou negligenciada por muitas pesquisas até recentemente.³

De fato, se pensarmos na literatura sobre o socialismo, muitos estudos se centraram principalmente no papel que a Revolução Russa teve no combate às forças imperialistas em seu território, no período da Primeira Guerra Mundial e depois, através da influência, a partir do contato com outros partidos comunistas no mundo, alavancando igualmente as lutas contra os movimentos fascistas. Não queremos ignorar ou negligenciar esses trabalhos e muito menos minimizar a força e a importância do papel da emergência do bolchevismo e depois na implementação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Não obstante, como ainda aponta Anderson, antes mesmo do início do primeiro conflito mundial e da própria revolução soviética, uma força anti-imperialista e internacionalista já moldava muito das perspectivas de anarquistas e sindicalistas no mundo.⁴

Como Lucien Van der Walt e Michael Schmidt notam, existe uma ampla tradição anarquista preocupada com a libertação de grupos étnicos ou nacionais dos poderes de grandes potências ou de economias e políticas opressoras. O militante Mikhail Bakunin, por exemplo, tinha uma “*forte simpatia por qualquer levante nacional contra todas as formas de opressão, afirmando o direito de todo povo autodeterminar-se [...e que] ninguém tem o direito de impor seus costumes, seus hábitos, suas línguas e suas leis.*”⁵ Bakunin e seu órgão político, a Aliança da Democracia Socialista, imaginaram o anarquismo sendo alastrado das regiões periféricas para as centrais dando voz para os grupos minoritários. Tais militantes não imaginavam as lutas de libertação como construção consequente de outro nacionalismo, mas de um embate que unia as especificidades e necessidades locais com um ideário internacionalista que visava alastrar potencialmente a revolução após a destruição da opressão regional ou nacional.

Mesmo com essa atuação, que influenciava os rumos políticos do anarquismo, é necessário salientar que não foram todos os anarquistas que receberam ou construíram o ideário anti-imperialista e muito menos participaram de qualquer processo de libertação nacional. Alguns ativistas e intelectuais, por exemplo, ao perceber que as lutas de libertação dos estados dominados por outras

³ ANDERSON, Benedict. *Under three Flags: anarchism and the anti-colonial imagination*. London: Verso, 2005. p. 1-8.

⁴ Ver ANDERSON, Benedict. Preface. In: HIRSCH, Steven; VAN DER WALT, Lucien (Orgs.). *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940: The praxis of national liberation, internationalism and social revolution*. Leiden: Brill, 2010. p. xiii-xxxi.

⁵ Bakunin citado por VAN DER WALT, Lucien; SCHIMIDT, Michael. *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. Oakland: Ak Press, 2009 p. 309.

potências levaria, na visão desses, a um tipo de nacionalismo, preferiram atuar em suas redes transnacionais não orgânicas, ou através de uma luta extremante regionalista e federativa, através dos grupos de propaganda ou criando movimentos insurrecionais, tentando desconstruir, através da divulgação de suas ideias ou por essas lutas, qualquer imagem nacionalista de ambos, ocupados e dominadores.⁶ Outros, em um extremo oposto, enxergaram os conflitos nacionais declarados como agregadores de forças contra outras potências econômicas e políticas e, apoiaram algum lado do conflito. Esse foi o caso, para o historiador Woodcock, dos personagens Jean Grave, Piotr Kropotkin, Charles Malato e Paul Reclus declarando apoio aos Aliados, especialmente na França, depois de vislumbrarem o aumento das mortes de seus conterrâneos durante o conflito e a suposta ineficácia de suas propagandas antimilitaristas.⁷ Do mesmo modo, a *Unione Sindicale Italiana* e a *Confederação Générale du Travail*, também contando com a forte presença de sindicalistas pragmáticos e socialistas, tiveram alas e conselhos que apoiaram seus respectivos países, numa forma de rebater, para eles, “*o militarismo austríaco e alemão, para uma futura revolução contra a reação.*”⁸

Todavia, em uma comparação global, os anarquistas, principalmente fora da Europa ocidental e nas regiões afetadas, seja as colônias apoderadas desde o final do século XIX, quanto durante os efeitos das grandes guerras, contaram com uma posição anti-imperialista. Os autores Lucien van der Walt e Michael Schmidt notam ainda que existiram dois tipos de abordagens em relação a essa atuação:

Um tipo de abordagem anarquista e sindicalista foi a de apoiar correntes nacionalistas acriticamente, considerando suas lutas como um passo na direção correta. Para alguns, isso significava apoiar a formação de pequenos Estados, que lhes eram preferíveis aos grandes, perspectiva rejeitada pela maioria dos anarquistas. [...] A mais sofisticada abordagem foi a de participar das lutas de libertação nacional buscando moldá-las, vencer a batalha de ideias e afastar o nacionalismo, promovendo uma política de libertação nacional por meio da luta de classes, e dando às lutas de libertação nacional um sentido revolucionário. Nesse tipo, considera-se que o nacionalismo é apenas uma corrente nas lutas de libertação nacional ou anti-imperialistas, e não necessariamente a corrente dominante, e que as lutas de libertação nacional podem ter vários resultados. Para alguns daqueles que compartilham esta posição, a classe dominante nacional emergente é incapaz de romper, de fato, com o poder dos imperialistas; para outros, há possibilidades de ela realizar esta ruptura, mas os resultados

⁶ Ver VAN DER WALT & SCHMIDT. *Op.cit.* 123-143.

⁷ WOODCOCK, George. *Historia das ideias e movimentos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 99.

⁸ ANTONIOLI, Maurizio. A USI: O Sindicalismo Revolucionário Italiano. In: COLOMBO, Eduardo (Org.). *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004. p. 200.

frustrariam uma genuína libertação popular, que abarcasse a massa do povo.⁹

De acordo com os autores, de fato, alguns anarquistas participaram das lutas de libertação nacional apenas no intuito de destruírem os poderes dominantes no momento, não criticando, no interior das lutas e de seus ativismos, qualquer crescimento ou formação de nacionalismos ou de políticas excludentes. Assim, muitos consideravam uma etapa necessária um tipo de libertação colonial e a formação de seus contornos culturais e políticos para depois a necessidade de sua desconstrução. Esse parece ser o caso das Filipinas e Cuba, estudadas por Benedict Anderson, nos quais o nacionalismo absorveu as demandas e influências socialistas e anarquistas. Para o autor, esse fato teve suas razões específicas quando

Tanto filipinos quanto cubanos encontraram, em diferentes medidas, seus aliados mais fiéis em meio aos anarquistas franceses, espanhóis, italianos, belgas e britânicos – cada qual por razões próprias, com frequência não nacionalistas. Essas coordenações se tornaram possíveis porque as últimas duas décadas do século XIX testemunharam a gênese do que poderia ser chamado de “globalização incipiente”.¹⁰

Outra posição, na qual podemos posicionar Bakunin e depois Nestor Makhno, Errico Malatesta, Emma Goldman, Luigi Fabbri, Gigi Damiani, Edgar Leuenroth e Florentino de Carvalho, defendia que os envolvidos nessas lutas devem tentar barrar *“todas as vaidades, pretensões, invejas e hostilidades nacionais, devem fundir-se [...] no único interesse comum e universal da revolução, que assegurará a liberdade e a independência de cada nação, pela solidariedade de todas.”*¹¹ Tais militantes aderiram às lutas nacionais, ou, pelo menos, imaginaram os ganhos da classe trabalhadora dentro dessa demarcação política e econômica, mas sempre se opondo às atitudes contrárias ao desenvolvimento do socialismo libertário, do apoio mútuo e da solidariedade horizontal. Com esse intuito, embora, em diversos desses casos, aliados com republicanos e socialistas das demais vertentes, buscavam barrar, no interior do movimento, a construção de um Estado centralista que resultaria em outro nacionalismo potencialmente excludente. A estratégia era alavancar a revolução desses grupos em consonância com os sindicatos e federações desembocando no internacionalismo revolucionário.

Um ótimo exemplo desse caso foi a construção do Movimento Makhnovista na história da Revolução Ucraniana entre 1918 e 1921. Uma longa tradição por lutas de independência na Ucrânia já fazia parte do ideário político

⁹ VAN DER WALT & SCHMIDT, *Op.cit.* p. 310-311. Tradução nossa.

¹⁰ ANDERSON. *Op.cit.*, p. 21.

¹¹ BAKUNIN, Mikhail. *Catecismo Revolucionário*: Programa da Sociedade da Revolução Internacional. São Paulo: Imaginário/ Faísca, 2009. p. 65.

da população contra os poderes aristocráticos e monárquicos, a qual, em 1918, foi cedida também ao poderio e à ocupação militar, política e econômica do governo austro-alemão, aumentando, dessa forma, a exploração imperialista. Já, no início desse processo, era criado o Movimento Revolucionário de Camponeses na Ucrânia, contando fortemente com trabalhadores camponeses em oposição aos poderes instalados. Mais tarde, no sul do país, quem garantiu a unificação dessa luta foi o Movimento Makhnovista que tinha o militante Nestor Makhno um dos seus principais articuladores.¹² Tal movimento, apesar de ser bastante estratificado, tinha amplo respaldo da população e apostava, em seus manifestos e práticas, na transformação do território em

unidades autônomas, sobre a base do agrupamento revolucionário e autogestiniário sócio-econômico dos trabalhadores, na via da construção de uma nova sociedade. Assim [para os makhnovistas] compreendendo esta palavra de ordem, os camponeses a fizeram sua [revolução], aplicaram-na, desenvolveram-na e defenderam-na contra os ataques dos socialistas revolucionários da direita, dos cadetes e da contra-revolução monarquista.¹³

Os anarquistas na Ucrânia se juntaram às demandas da população que eram contrárias tanto ao poder dos antigos donos de terras ou monarquistas, mas também daquelas que tensionavam novas instituições que estavam sendo instaladas, propondo, em resposta, a auto-organização dos trabalhadores.¹⁴ Mesmo diversas vezes aliados aos exércitos socialistas russos contra os imperialistas e agrários, criticavam, julgando-os de “revolucionários de direita”, também o tipo de encaminhamento das lutas na Revolução Russa que, na visão deles, desembocaria na construção de poderes que não seriam essencialmente populares. E, por esses mesmos motivos foram massacrados com o endurecimento do regime que levava os soviéticos a caçarem ideologias divergentes nos territórios que almejam anexar ao seu Estado. Desse modo, para o autor Felipe Corrêa, é possível considerar tal política proposta num

tipo de movimento socialista e revolucionário, que reivindicada a socialização não somente da propriedade privada, mas também do poder político. Em seu projeto político mais amplo, a propriedade privada e o Estado deveriam ser substituídos por conselhos autogestionários de trabalhadores. Os meios para tanto deveriam se apoiar na participação e na luta generalizada e voluntária de camponeses e operários, na independência em relação aos partidos políticos e na construção, pela base, das próprias mobilizações desses trabalhadores. Esses princípios deveriam pautar a

¹² Ver SHUBIN, Aleksandr. The Makhnovist Movement and the National Question in the Ukraine, 1917-1921. In: HIRSCH, Steven; VAN DER WALT, Lucien (org). *Op.cit.* p. 147-193.

¹³ MAKHNO, Nestor. O grande outubro na Ucrânia. In: MAKHNO, Nestor; SKIRDA, Alexandre; BERKMAN, Alexandre. *Nestor Makhno e a Revolução Social na Ucrânia*. Imáginário/ Tesão – A Casa da Soma/ Nu-Sol, 2001. p. 22.

¹⁴ GUÉRIN, Daniel. *L'anarchisme: de la doctrine à l'action*. Paris: Gallimard, 1965.

conformação, durante esse processo, dos germes da nova sociedade que se desejava construir.¹⁵

Além do combate às opressões que afligiam minorias étnicas e nacionais, um claro antimilitarismo já estava nas decisões dos congressos internacionais dos anarquistas. No Congresso Anarquista de Amsterdã, em 1907, além dos debates e decisões sobre a atuação dos anarquistas nos sindicatos, foi declarada também uma forte posição contrária a qualquer conflito militar e igualmente à formação de exércitos nacionais.¹⁶

Embora alguns sindicalistas e anarquistas, minoria como destacamos, tenham declarado apoio aos seus países depois da eclosão da Primeira Guerra Mundial, a maioria que participou e que aderiu à decisões do referido congresso combatiam o militarismo e o imperialismo, através de seus grupos e jornais, tanto de ativistas no interior desses ambientes, quanto das campanhas dos Estados-Nacionais que incentivou a população a apoiar tais conflitos. Na Itália, militantes como Errico Malatesta, Luigi Fabbri, Libero Merlino e Luigi Bertoni continuavam suas propagandas e atuações incisivas nos ambientes operários, influência refletida também na greve geral na cidade de Ancona, em 1914, acompanhando intensas manifestações exprimindo caráter antimilitarista e que foram amplamente reprimidas, conhecidas como a “Semana Vermelha.” Conseguindo fugir, Malatesta, que neste caso contava com o Partido Anarquista de Ancona, continuou sua militância em diversos países, contrário à postura intervencionista ou militarista que apoiava qualquer lado, lançando campanhas como o *Manifesto Anarchico Internazionale sulla guerra*, publicado em 1915 na cidade de Londres.¹⁷

Essa posição refletia e ao mesmo tempo influenciava as posições dos militantes anarquistas nas regiões do Atlântico Sul, que além das demarcações nacionais, tiveram que combater o racismo presente na construção do processo colonialista e imperialista. Esses ativistas, junto à população, sofriam as consequências da expansão dos Estados dominadores, seja de maneira mais direta, como o caso de diversos países do continente africano e da América Latina através da dominação política e econômica, quanto das repercussões dos conflitos nacionais europeus, que pressionavam a economia de tais regiões.¹⁸

Essa mesma tendência, no intuito de construir um ideário multi-étnico também teve seu papel influente no Peru, principalmente em Lima e Callao.

¹⁵ CORRÊA, Felipe. A prática revolucionária da Makhnovitchina. *Instituto de Teoria e História Anarquista*, 2015. p. 4 Disponível em: <https://ithanarquista.files.wordpress.com/2015/01/felipecorreia-a-prc3a1tica-revolucionc3a1ria-da-makhnovitchina-1918-1921.pdf>

¹⁶ WOODCOCK. *Op.cit.*, 97-99.

¹⁷ Ver GIULIETTI, Fabrizio. *Gli Anarchici Italiani dalla Grande Guerra al Fascismo*. Milano: Franco Angeli Edizioni, 2015. p. 15-51.

¹⁸ Ver HIRSCH & VAN DER WALT (org). *Op.cit.* p.xxxi-xxix.

Mesmo com um fraco desenvolvimento industrial e pouco fluxo de imigrantes estrangeiros comparados aos casos do Brasil e da Argentina, Steven Hirsch mostra que as ideias anarquistas penetraram no país, já a partir de 1890, quando capitalistas nativos e estrangeiros criaram novas instituições financeiras baseadas na exportação, aumentando consideravelmente a população de trabalhadores urbanos (manuais e fabris). É de se notar que o anarquismo foi inicialmente introduzido por uma minoria de intelectuais do país, principalmente das elites locais dissidentes contrários à exploração colonial, como Manuel González Prada, um membro da classe alta que se converteu ao anarquismo ao ser exilado na França e na Espanha. O mesmo personagem fundou, em 1904, o jornal *Los Parias*, a primeira publicação anarquista na região com considerável regularidade e amplitude. Não obstante, a recepção da ideologia logo se alastrou, criando e divulgando campanhas para unir uma população extremamente heterogênea. Os movimentos de orientação libertária foram muito eficazes e, até a década de 1930, acompanharam intensas manifestações, greves e conquistas. Nos próprios anos seguintes da publicação de *Los Parias*, surgiram inúmeros periódicos como *La Roja Simiente*, *El Hambriento*, *Humanidad* e *El Oprimido*, influentes até 1910. Na segunda década do século XX, uma clara tendência sindicalista penetrou e impulsionou as organizações das demais vertentes de ofício e origem étnica, incluindo boa parte da população descendente de indígenas, a partir da *Federación Obrera Regional del Perú* (FORP) com fortes paralelos e solidariedade com a *Federación Obrera Regional Argentina* (FORA).¹⁹

No Brasil, especialmente em São Paulo, com o grande fluxo de imigrantes nas regiões agrícolas e industriais, o anarquismo esteve presente fornecendo um tipo de ferramenta para a reclamação social e política onde esses eram extremamente excluídos da política oficial do Estado. Esse caráter e a atenção aos seus contatos e círculos de afinidade étnica transnacional, possibilitaram o forte intercâmbio de grupos entre a Itália, Espanha e Portugal - igualmente recrudescer os vínculos do movimento na América do Sul tornando constante as formas de solidariedade e diálogos entre militantes no Uruguai e Argentina. Esse foi apenas um fator para a penetração do anarquismo na cidade e no país, que ainda era aderido fortemente por sua população local, que misturava a nova ideologia com as tradições das antigas lutas, como o abolicionismo.²⁰ Essa constante mediação, entre o contato internacional, inclusive com fortes redes com os próprios países vizinhos, e a realidade local possibilitaram a construção de articulações políticas e sindicais, incluindo um ideário internacionalista. Veremos como os anarquistas mediam tal tradição

¹⁹ Ver HIRSCH, Steven. Peruvian Anarcho-Syndicalism: adapting transnational influences and forging counterhegemonic practices, 1905-1930. In: HIRSCH & VAN DER WALT (org). *Op.cit.* p. 227-272.

²⁰ TOLEDO, Edilene; BIONDI, Luigi. Constructing Syndicalism and Anarchism Globally: the transnational making of the syndicalism movement in São Paulo, Brazil, 1895-1935. In: HIRSCH, Steven; VAN DER WALT, Lucien (org). *Op.cit.* p. 363-394.

num contexto específico em que seus projetos e posturas internacionalistas foram intensificados e levados a cabo com maior veemência.

Sindicalismo e o internacionalismo anarquista entre a Primeira Guerra Mundial e movimento operário local

No início da segunda década do século XX uma grande crise econômica decorrente dos efeitos das guerras balcânicas seguidas da Primeira Guerra Mundial, no período de 1913-1916, inflacionando os preços de produtos de necessidade básica que afetou diversas partes do mundo, causou danos severos também no mercado de trabalho paulista. Como apontado por Sheldon Maram, houve uma queda da organização sindical exatamente pela forma móvel dos trabalhadores constantemente mudando de locais de emprego e de ofício, reduzindo também seus poderes de barganha pelo excedente de força produtiva.²¹ Contudo, outros indícios evidenciam que essa desaceleração não significou a inércia do movimento militante na cidade, inclusive se levarmos em consideração que as agitações posteriores, como em 1917, não podem ser creditadas simplesmente à continuidade das pressões econômica.²²

Nesse sentido, os anarquistas aproveitavam o período para fazerem balanços sobre a situação mundial, nacional e local, discutindo novas táticas e estratégias de luta. Em 1915 propuseram o Congresso Internacional da Paz que era resultado das ações entre as entidades sindicais e os militantes em torno da Confederação Operária Brasileira que, por sua vez, a partir das observações dos acontecimentos internacionais, como o irrompimento da Primeira Guerra Mundial, propuseram também o Congresso Anarquista Sul-Americano. Os dois congressos que se realizaram no Rio de Janeiro faziam frente ao avanço dos conflitos mundiais propondo garantir a força sindical para além das fronteiras nacionais. Não obstante, apresentavam diferenças nas suas intenções. Enquanto o segundo congresso citado foi proposto especificamente pelos militantes anarquistas no interior da confederação, tentando atingir outros núcleos ou grupos de propaganda libertária do continente sul-americano, visando um tipo de programa para a atuação de sua família política no interior dos espaços operários, o outro tentava garantir a junção com grupos ideológicos (socialistas, anarquistas) e sindicais (de ofício ou regionais) de várias partes do globo, visando a união das

²¹ Ver MARAM, Sheldon. *Anarquismo, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890- 1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

²² Para adentrar o debate ver SANTOS, Kauan Willian dos. “*Paz entre Nós, Guerra aos Senhores*”: o internacionalismo anarquista e as articulações políticas e sindicais nos grupos e periódicos anarquistas *Guerra Sociale* e *A Plebe* na segunda década do século XX em São Paulo. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de São Paulo – Guarulhos/São Paulo, 2016. p. 69-81.

forças de origem proletária para tencionar especialmente as decisões dos estados nacionais no desenrolar da Primeira Guerra Mundial.²³

Nos dois casos, os anarquistas que estiveram presentes tentaram estreitar relações com outros órgãos e militantes, alguns evidentemente conhecidos pela própria experiência transnacional, onde transitaram em países como Argentina, Uruguai, Itália e Portugal. Do mesmo modo, também tentavam barrar a possível fragmentação do movimento operário almejando uma força específica contra o avanço do militarismo, que, para os libertários, era resultado do próprio funcionamento do capitalismo industrial:

Aos socialistas, sindicalistas, anarquistas e organizações operárias de todo o mundo. A pressão exercida pelos governos das nações beligerantes sobre o governo espanhol, obrigando a este a proibir a reunião, em Ferrol, do Congresso Internacional da Paz, marcado para 30 de abril próximo passado, é uma prova de que os governos da burguesia temem que os proletários do mundo inteiro cheguemos a combinar esforços e, unidos todos, façamos cessar a horrorosa matança [...]. Beligerantes e neutrais, sofremos as mesmas consequências do atual estado de coisas, - uns dando a sua vida nos campos de batalha, em holocausto ao deus do capital, os outros, por efeito da crise industrial e comercial, morrendo de fome e de miséria, sem que uns e outros tenhamos um gesto de rebeldia para sublevar-nos contra os causantes de tão monstruoso crime de lesa-humanidade.²⁴

Na chamada feita pela Confederação Operária Brasileira em 1915 para o Congresso Internacional da Paz, percebemos que o evento era entendido como resultado da proibição de outro congresso que aconteceria na Espanha, fato que atesta o laço de continuidade transnacional contido entre os militantes anarquistas presentes, mas também do internacionalismo operário que era fortalecido por meio desses. Do mesmo modo, é possível notar a preocupação em construir ações para impedir o enfraquecimento do movimento operário diante dos acontecimentos. O grupo em torno do jornal *A Lanterna*, que tinha representantes na própria COB, como é o caso de Edgard Leuenroth, não tardaram em assinar sua adesão e ação prática em tais eventos. As redes dos ativistas garantiram notícias e adesões de outros grupos anarquistas como o Centro de Estudos Sociais do Rio de Janeiro, Centro Feminino Jovens Idealistas de São Paulo, Grupo Anarquista Renovação de Santos, *La Protesta* e *La Rebelion* da Argentina, União Anarquista Comunista de Portugal, *Grupo Educación Anarquista da Espanha* e outros nos quais estreitavam relações.²⁵ Um mesmo nível de inserção garantia também as adesões de entidades sindicais do país, entre elas as federações operárias do Rio Grande do Sul e de Alagoas, bem como de trabalhadores fora

²³ OLIVEIRA, Tiago. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009. p. 210-232.

²⁴ Ver Comissão Organizadora. *Congresso Internacional da Paz*. Arquivo Astrojildo Pereira: CEDEM – Unesp.

²⁵ Ver Adesões e Correspondências. *Congresso Internacional da Paz*. Arquivo Astrojildo Pereira: CEDEM – Unesp.

do espaço especificamente fabril como a Associação de Resistência dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Anexas e a União dos Empregadores Barbeiros e Cabeleireiros, que também garantiam seus próprios interesses pela luta material progressiva. As adesões conseguiram ser estendidas de forma internacional entre diversas organizações de caráter econômico ou político como a União de Classe Operários Tecelões e a União das Juventudes Sindicalistas de Portugal, o Ateneo Sindicalista Ronda e o *Grupo de Educación Anarquista da Espanha*, a *Confederação de Sindicato Obrero de la Republica Mexicana*, a *Unione Sindicale Italiana* e o Partido Socialista da Argentina.²⁶

Os dois congressos tentavam criar um órgão para garantir essa união de forma estável a partir de uma Confederação Operária Sul-Americana, que não se concretizou nos anos seguintes. Com certeza havia inúmeras dificuldades para esses projetos que visavam um organismo transnacional de ação comum, entre estas os próprios empecilhos concretos em unir personagens ou associações com nuances em suas performances, tanto ideológicas ou mesmo por disparidade regional, a falta de adesão de demais grupos não fixos e a intensa reação desencadeada pelos aparatos repressivos nos referidos países. Não obstante, para Oliveira, “*se a tão esperada Confederação Operária Sul-Americana não se efetuou, por outro lado concretizaram-se uma série de atividades de solidariedade, pelo menos por parte do Brasil e Argentina.*”²⁷ Dessa forma, os laços de continuidade, o intercâmbio e as propostas de solidariedade que acompanhavam notícias sobre a atuação dos grupos eram trazidos para a própria militância local na cidade. Dessa forma, os laços de continuidade, o intercâmbio e as propostas de solidariedade que acompanhavam notícias sobre a atuação dos grupos eram trazidos para a própria militância local na cidade.

Depois dessas tentativas, o grupo de *A Lanterna*, que acompanhava o desenrolar dos movimentos operários em diversas partes do mundo e observavam os seus próprios dilemas, nos anos posteriores, propuseram o Comitê de Agitação contra a Carestia de Vida tentando agrupar os organismos sindicais e outros grupos militantes inflamando possíveis movimentos reivindicatórios e denunciando as condições de vida da população. Anos depois, o periódico ainda desejava rebuscar os efeitos da COB:

Há, pois, que reanimar, que revivificar a nossa obra. É agora, mais que nunca, se torna necessário intensificar e estender a ação da COB, a COB, sois vós são os vossos sindicatos, as vossas associações. Em vós, todos, portanto, está a potencia capaz de lhe dar o vigor indispensável. E assim que vos dirigimos esta circular, apelando para vossa boa vontade, para o vosso dever sindical, no sentido duma colaboração metódica e energética na vida da COB. Trabalhai dentro da vossa associação, agitai a vossa classe,

²⁶ Idem.

²⁷ OLIVEIRA. *Op.cit.* p. 223.

animai o movimento nessa localidade, e deste modo é que contribuirei eficazmente para o bom andamento dos trabalhos da COB.²⁸

O autor estava se referindo à suposta apatia que os movimentos sindicais, bem como os grupos militantes estariam sofrendo na metade da segunda década do século XX, pelas pressões econômicas derivadas dos conflitos mundiais, como citamos anteriormente, mas também da repressão em nível nacional, estadual e municipal.²⁹ Diante disso, tentando novamente aglutinar o conjunto dos trabalhadores para lutas primeiramente de caráter econômico, podemos concluir que o tipo de associação sindical que *A Lanterna* se propunha não era o anarcossindicalismo ou uma associação explícita como anarquista. A proposta majoritária se referia ainda a um tipo de sindicato que priorizava e julgava mais eficaz a união de diferentes orientações para a construção de uma força operária, como a apresentada na COB, o chamado sindicalismo revolucionário.³⁰

Não obstante, dentro do próprio movimento anarquista foram reformuladas propostas influenciadas pelo mesmo contexto. Em 1913 vinha a iniciativa do grupo de Alessandro Cerchiai, Angelo Bandoni e Gigi Damiani para a publicação do jornal *La Propaganda Libertaria*, iniciado em 12 de julho. O jornal teve uma breve experiência de dois anos e sofreu diversas interrupções e dificuldades de se manter financeiramente. No início da trajetória do órgão, ao contrário da posição hegemônica dos anarquistas no período, posições antissindicalistas estavam presentes no grupo, pois para estes

a questão não é saber se o sindicalismo pode ou deve proclamar-se anarquista. [...] A verdadeira questão é saber se eles devem ou não, os anarquistas, se castrarem para os belos olhos de sindicalismo. [...] Ninguém nega a razão e a legitimidade da força do movimento operário. O que eu nego e que muitos dos nossos camaradas rejeitam, é que o anarquista deve calar a boca porque um próspero movimento, que não é o seu próprio, declara que se abstenha a priori de considerar a doutrina anarquista, no cumprimento das suas agitações. Eu acho isso: os anarquistas, onde quer que eles vão, devem fazer valer as suas opiniões, exercer a sua proclamação

²⁸ Mundo operário. *A Lanterna*. 27 de fevereiro de 1915. p. 3.

²⁹ MARAM. *Op.cit.*, p. 127-158.

³⁰ Para Felipe Corrêa e Rafael Viana da Silva “o que distingue essas duas estratégias é o fato de o segundo [anarcossindicalismo] possuir um vínculo programático explícito com o anarquismo, ou seja, uma ideologia oficial, como ocorreu com a Federación Obrera Regional Argentina (FORA), a partir de 1905 e com a Confederación Nacional del Trabajo (CNT) espanhola, a partir de 1919, ambas as quais são, a nosso ver, anarcossindicalistas. Outros exemplos, como a Confédération Générale du Travail (CGT) francesa ou mesmo a Confederação Operária Brasileira (COB) brasileira, por não possuírem esse vínculo político-doutrinário com o anarquismo, defendendo a “neutralidade política” dos sindicatos, são sindicalistas revolucionárias.” CORRÊA, Felipe; SILVA, Rafael Viana da. “Anarquismo, Teoria e História.” In: CORRÊA, Felipe; SILVA, Rafael Viana da; SILVA, Alessandro Soares da. *Teoria e História do Anarquismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015. p. 59.

crítica como sua peça ideal, não importando se a palavra é perturbar-lhes o bom desempenho das greves de categoria.³¹

Céticos em relação ao sindicalismo, mas abertos às possíveis críticas e discussões, o referido grupo, pela própria condição emergente, tentava atuar em diversos organismos e círculos militantes, mesmo que assinalando suas considerações contundentes. Em várias empreitadas, como na tentativa da reanimação da COB, era destacada sua atuação e associação com outros grupos como o Centro Socialista Internacional, que tentava reunir os diversos grupos anarquistas, e com os redatores de *A Lanterna*, incentivando movimentos classistas e internacionalistas.³² Buscando entender os motivos da apatia do movimento operário, reafirmaram sua busca pelos eventos e debates socialistas, sindicalistas e anarquistas, internacionais e locais, no qual começavam a tentar mediar tais níveis:

Eis a grandiosidade do programa dos revolucionários mexicanos, que, ao fundo, é bem o programa dos anarquistas de todo o mundo! [...] Enquanto dezenas e dezenas de milhares de homens e mulheres põem em prática as ideias que animam a revolução, outras dezenas e dezenas de milhares de pessoas continuam a percorrer todos os cantos do México para propagar e proclamar bem alto os princípios de *Terra e Liberdade para Todos!*³³

Além de tentar trazer eventos internacionais para a possível mobilização e ação dos militantes e dos trabalhadores na cidade, a propaganda também começou a ser dirigida contra os conflitos nacionais em outros países que, além de ocasionarem grandes danos às classes baixas, para os redatores, “o início das guerras dos estados balcânicos contra a Turquia”³⁴ marcaria o poder dos estados nacionais ligados aos detentores dos meios de produção já que esses últimos seriam “acionistas das grandes fábricas de armas e munições, bem como fornecedores dos exércitos e dinheiro.”³⁵

Os redatores mostravam os problemas nas regiões balcânicas, evidenciando os abusos dos danos estruturais ou supostamente morais, que os conflitos causavam nas populações. Ao fazerem referência a outros grupos anarquistas e à teoria, assinalavam sua posição contrária à guerra e antimilitarista:

³¹ DAMIANI, Gigi. Contro L'equivocazione sindacaiula. *La Propaganda Libertaria*, 5 de outubro de 1913. p. 3. Tradução nossa.

³² Ver SANTOS,. *Op.cit.*, p. 79.

³³ MÂSCULO, Luca. A Revolução Mexicana. *La Propaganda Libertaria*, 15 de novembro de 1913. p. 4. Tradução nossa.

³⁴ L'independenza delle nazioni. *La Propaganda Libertaria*. 12 de julho de 1913. p. 2. Tradução nossa.

³⁵ Idem.

Mau grado os hinos patrióticos, os arroubos da eloquência nacionalista, e os entusiasmos cívicos, percebe-se entre a bruma dessa propaganda, aparentemente desinteressada, o fato real e sensível que nos demonstra ser o exército uma instituição ao serviço dos grandes capitalistas, servindo de garantia à exploração e à expropriação por eles exercida de uma forma desenfreada, repelindo, à baioneta e à bala, as reclamações dos explorados. [...] Lutemos titanicamente em prol da vitória da nossa causa, que é a causa da liberdade, da justiça e da civilização.³⁶

Com o avanço dos conflitos mundiais, incluindo a eclosão da Primeira Guerra Mundial, essa postura foi progressivamente levada a cabo, ocasionando a busca de um internacionalismo de intenção federalista contrários, portanto, aos projetos da expansão do capitalismo industrial e do Estado Nacional. Em 1915, novamente reformulando suas táticas, o grupo lançou um novo jornal intitulado *Guerra Sociale*, conseguindo, dessa vez, ter regularidade semanal ou quinzenal. Com a direção de Angelo Bandoni, o nome apostava incisivamente na propaganda contra os conflitos nacionais que estavam chamando a atenção dos mais variados grupos sociais. Ao mesmo tempo assumiam posições que haviam levado desde o início de suas trajetórias, como a preparação para a revolução anticapitalista, contrários igualmente à exploração nas fábricas e aos poderes estatais. No novo jornal, além da percepção que essa mediação constante era necessária, os militantes interpretaram que uma postura política minimamente definida e explícita com esse caráter entre os grupos ativos anarquistas era também imprescindível:

Somos chamados, pela confiança dos companheiros, para a direção deste jornal, forte pela colaboração infalível de escritores conhecidos por nós, confiando na ajuda de todo o material dos anarquistas conhecidos de São Paulo além dos vários destinos do interior, seguimos determinados a bandeira de 'a Guerra Social'.³⁷

Ainda sobre os evidentes efeitos do refluxo do movimento operário, mas tentando mediar sua propaganda com outros ativistas, o grupo, composto inicialmente também por Gigi Damiani e Florentino de Carvalho, entende, que para além das propagandas e da união operária internacional, era necessário unir também sua própria família política, já que se reportavam especificamente aos anarquistas, buscando um tipo de atuação que garantisse seu caráter especificamente libertário e minimamente condensado nos ambientes operários e igualmente nas campanhas contrárias à guerra. Influenciados também pela trajetória do Centro Socialista, que anteriormente tentava esse tipo de união, é esse grupo que lança, em 1916, a chamada para a *Alliança Anarquista*, chamada

³⁶ SOARES, Primitivo. O sorteio militar obrigatório. *Guerra Sociale*. 20 de setembro de 1916. p. 3.

³⁷ La Redazione. Agli Anarchici. *Guerra Sociale*, 11 de setembro de 1915. p. 1.

também de *Alliança Anarchista* ou na língua de muitos dos seus ativistas *Alleanza Anarchica*, que tinha como objetivo principal:

A união dos libertários em grupos ou centros de ação e propaganda, e a organização dessas entidades numa vasta federação, com o fim de estreitar relações e tornar possível a nossa ação simultânea, são bastante poderosos para despertar o interesse, provocar a adesão e a atividade de todos os que sintam realmente o ideal libertário e saibam agir de acordo com seus sentimentos e ideias.³⁸

O grupo, então, passava de suas considerações antiorganizadoras para a adesão de posturas fortemente enraizadas na estratégia sindicalista do anarquismo no Brasil e que garantiu uma militância expressiva e incisiva nas manifestações posteriores entre 1917 e 1919.

Considerações finais

Em 1917, foi lançado, no calor das grandes agitações operárias do período, o periódico *A Plebe*, principalmente contando com os militantes Edgard Leuenroth, Gigi Damiani, Benjamin Mota, Florentino de Carvalho e Isabel Cerutti. Uma das grandes questões dos anarquistas no período era como poderiam garantir suas influências, uma vez que o sindicalismo revolucionário, embora com clara tendência anarquista, era destinado como projeto de interesses materiais dos trabalhadores, além de ser disputado por outras correntes políticas.³⁹ Para resolver a questão, tentavam propelar seu órgão político, proposto anos antes:

A *Alliança Anarchista*, constituída, não há muito tempo em S. Paulo com o fim de servir de traço de união entre as nossas diversas agrupações e os camaradas dispersos por ali além. São bons sintomas de um necessário e urgente despertar. Entretanto, muito mais se poderá conseguir, se todos os libertários que são bastante numerosos, se dispuserem a fazer algo, desenvolver um pouco mais de atividade.⁴⁰

A *Alliança Anarquista*, que tentava, em alguns casos, construir uma rede política sólida, tinha seus militantes inseridos em diversos grupos de caráter prioritariamente econômico, como o Comitê Popular de Agitação, o Comitê de Defesa Proletária e a Federação Operária de São Paulo, reerguida neste período. Para essa disputa e o encabeçamento de greves efetivas, além da organização interna que ainda necessitavam de força, os anarquistas precisavam de uma tática, tanto para conservar mínimos aspectos ideológicos próprios quanto para reerguer e impulsionar as lutas providas do movimento operário. As campanhas

³⁸ *Alliança Anarquista*. *Guerra Sociale*, 30 de setembro de 1915. p. 1.

³⁹ Ver Santos, Kauan Willian dos. Derrubando fronteiras: a construção do jornal *A Plebe* e o internacionalismo operário em São Paulo (1917-1920). *História e Cultura*, v. 4, p. 122-139, 2015.

⁴⁰ Vida libertária. *A Plebe*, 9 de junho de 1917. p. 2.

internacionalistas e antimilitaristas, nesse sentido, mostravam ainda serem poderosas ferramentas de mobilização. Para os redatores, essa luta ainda deveria ser demanda legítima mesmo com a “*perseguição aos anti-militaristas*” no qual “*a polícia é grandemente auxiliada pela imprensa burguesa.*”⁴¹ Ainda, longe de ser um combate longínquo sem reflexões no país, os militantes libertários reafirmavam que tal conflito evidenciava o caráter predatório do próprio desenvolvimento capitalista, pois

na agitação anti-guerreira tomam parte estudantes das escolas superiores, as classes proletárias, os socialistas e os anarquistas. Estes últimos fazem hoje a propaganda antimilitarista da mesma forma por que o faziam há um, dois, cinco, dez anos. Sempre foram contrários à guerra e, para serem coerentes com os seus princípios, devem combatê-la com muito maior razão nesse momento que estão ameaçados daquilo que, com a propaganda de muitos anos, procuram evitar: a guerra contra todos os seus horrores.⁴²

Como evidenciamos no artigo em questão, apenas entendemos a postura e a política anarquista nesse período se analisarmos a organização dos militantes libertários anos antes, com a conflagração da Primeira Guerra Mundial redimensionando sua cultura política. Os anarquistas na cidade de São Paulo tentaram se alocar à tradição internacionalista do seu movimento e do operariado⁴³, tentando mediar as suas metas e teorias à realidade, propondo, no período desses conflitos mundiais, congressos e campanhas antinacionaistas e antimilitaristas, inclusive de forma transnacional, bem como tentando buscar novas táticas e estratégias que fossem melhor adaptadas aos condicionamentos internacionais e às necessidades dos trabalhadores e de sua família política. O internacionalismo deveria ser mais do que uma meta, uma prática.

Artigo recebido em 30.3.2017

Aprovado em 29.5.2017

⁴¹ Notas Internacionais. *A Plebe*, 28 de julho de 1917, p. 4.

⁴² CERRUTI, Isabel. A propósito da atitude do grande órgão. *A Plebe*, 4 de agosto de 1917, p. 2.

⁴³ Para Frits Van Holthoon e Marcel Van der Linden “os anos entre 1830 e 1940 podem ser caracterizados como o período internacionalista da classe trabalhadora. Dentro desse século de grandes dimensões o *Bund der Kommunisten*, a Primeira, a Segunda e a Terceira Internacional floresceram e decaíram, ou morreram.” Assim, o internacionalismo era um comportamento da classe trabalhadora que inclusive gerou posturas políticas e ideários no anarquismo e socialismo. Questão que não pode ser tratado no artigo em questão, mas necessário ser pontuada. Ver HOLTHOON, Frits Van; LINDEN, Marcel Van der (Orgs.). *Internationalism in the labor moviment 1830-1940*. Leiden- New York: Brill: 1988. p.VII.